

O legado de Pennacchi

Artista italiano, que transitava entre o sagrado e o profano, deixou no Brasil milhares de obras em forma de afrescos, telas e esculturas

Vista de fora, já foi confundida com um convento mais de uma vez. A casa, não menos majestosa do que muitas outras do Jardim Europa, região nobre de São Paulo, conserva um ar austero por trás do muro coberto de plantas. A porta principal, grandiosa e de madeira escura, esconde um detalhe: um pequeno quadrado no centro se abre para que se possa ver quem é o visitante. Ela é parte de uma obra de arte na qual viveu Fulvio Pennacchi, artista italiano responsável pela construção da casa e por seus retoques - novos quadros, desenhos e cerâmicas acrescentados à decoração - que foram constantes até 1992, quando faleceu, aos 87 anos.

Nascido em 1905 em Lucca, região da Toscana, Pennacchi estudou na Real Academia de Arte, na própria cidade natal, onde aprendeu a pintar, a esculpir e a estimular seus dons artísticos. Em 1929, por causa de problemas

burocráticos na Itália fascista, veio para o Brasil - onde já residiam dois irmãos e alguns primos de segundo e terceiro graus - e aqui permaneceu pelo resto de sua vida.

Chegou no meio da crise cafeeira. “Numa carta, ele fala que nunca tinha visto uma cidade com tantos cartazes de vende-se, aluga-se”, conta Valerio Pennacchi, de 59 anos, historiador e parente de Fulvio, que teve uma convivência próxima com o artista e é um dos maiores estudiosos de sua obra.

Num momento de crise, só se comprava o necessário para viver, e os quadros de Pennacchi com certeza não estavam entre esses itens. A maneira que o artista encontrou para sustentar a si e à sua arte foi comprar dois açougues. Além disso, nessa mesma época, Pennacchi tornou-se professor de arte do Colégio Dante Alighieri. Esse trabalho o levou a conhecer a mulher com quem dividiria seu amor e o gosto pela arte - Filomena Matarazzo,

neta de Francesco Matarazzo, grande industrial da época. Ela levava sua irmã caçula, Lívia, para ter aulas com Pennacchi. Esses contatos esporádicos eram apenas o início de uma relação plena e duradoura, mas ainda não havia nada entre os dois. Um dia, Filomena foi ver um afresco que ele acabara de pintar na casa de Galileo Emendabili, amigo do artista, e, no encontro, Fulvio e ela se apaixonaram. Apesar de, num primeiro momento, o pai de Filomena ter



tentado impedir o casamento - chegou a mandar a filha para viver por três anos em Buenos Aires -, acabou mais tarde por aceitar a união, que aconteceu em 1945. Mesmo no tempo em que o casal viveu separado, trocavam cartas apaixonadas e Fulvio acrescentava aos seus relatos alguns poemas, aquarelas e desenhos simples, guardados até hoje por Filomena.

Ainda nos anos 30, Pennacchi foi membro do Grupo Santa Helena, também constituído por

Detalhe de um dos afrescos pintados por Fulvio Pennacchi em sua própria casa.

Francisco Rebolo, Alfredo Volpi, Mário Zanini, Aldo Bonadei, Alfredo Rizzotti, Humberto Rosa, Clóvis Graciano e Manuel Martins. O grupo de artistas se reunia num ateliê de um prédio na Praça da Sé, em São Paulo, e, ao contrário das associações de elite de pintores que se formaram naqueles anos, tinha apenas integrantes humildes: um ourives, um ferroviário, um mecânico, um jogador de futebol, entre outros. Pennacchi era um dos poucos que haviam estudado arte. “Na obra dele você pode ver um pouco de muitas técnicas, porque naquela época os artistas eram formados em arte como um todo, não havia a separação entre pintura, design”, explica Giovanna Pennacchi, de 57 anos, uma entre os oito filhos do casal.

Os afrescos da Igreja Nossa Senhora da Paz, na rua do Glicério, centro de São Paulo, pintados por ele em 1942, ainda podem ser contemplados. Outra de suas obras mais famosas é o conjunto de afrescos do Hotel Toriba, em Campos do Jordão, feito em 1943.

Simplicidade e maestria

A casa no Jardim Europa, construída num terreno de 3 mil metros quadrados cedido pelo pai de Filomena, é uma demonstração da versatilidade de Pennacchi. Os afrescos das paredes, que também figuram entre as obras mais conhecidas de Pennacchi, dividem o espaço com esculturas em cerâmica e móveis desenhados pelo próprio artista e executados pelo Liceu de Artes e Ofícios.

Na sala de jantar, a mesa em que parte da família ainda se reúne para as refeições tem detalhes que passam despercebidos aos que não dedicam um olhar mais atento. Os pés da mesa parecem ter sido torneados cuidadosamente e as cadeiras também têm pequenos desenhos de flores e corações, que se repetem em outros móveis. “É um refinamento que não salta aos olhos, uma riqueza de detalhes íntimos, que não foram feitos para os outros verem”, aponta Valerio. O historiador justifica a arte intimista como uma herança que Pennacchi trouxe de sua terra natal. “Lucca é uma cidade fechada com muralhas. Essa característica intimista da arte



Em todos os lugares: nas paredes, em cima dos móveis, no canto das salas, na parte externa e até no banheiro, as obras de Pennacchi se espalham pela casa onde morou. Na primeira foto de cima para baixo, detalhe de um afresco da Igreja Nossa Senhora da Paz.



Parte da fachada da casa de Fulvio Pennacchi, que muitas vezes foi confundida com um mosteiro. A própria arquitetura da construção leva a marca do artista, que no projeto buscou inspiração em sua saudosa Toscana.

dele mostra a não-fantasticidade de que ele revestia a vida”.

Além do cuidado com as minúcias, elementos fundamentais em sua obra, Pennacchi não exigia materiais sofisticados ou ostentação de riqueza. A casa, por exemplo, apesar de ser grandiosa, tem paredes de reboco; o banheiro não tem os mármore usados por outras famílias ricas da época, mas azulejos brancos pintados à mão e armários funcionais - que Fulvio idealizou até com uma divisória para se colocar a roupa suja; as cadeiras da sala de jantar possuem assentos de palha.

“Ele nunca teve uma camisa de seda, não precisava disso”, conta Valério. “E trabalhava como um louco, mesmo tendo dinheiro”. Giovanna também se lembra do jeito simples do pai, que, em casa, reunia os filhos para fazer colares de argila. Fulvio também gostava de levá-los para passear. “Ele adorava ir à feira com a gente comprar frutas”, lembra a filha. “Viu uma pessoa na rua e fazia um desenhinho dela. Via pessoas num bar tomando vinho, pegava uma cadernetinha e desenhava”. Além dos desenhos, Pennacchi também fazia pequenas esculturas, como bustos em homenagem a qualquer passante da rua.

Retratando ora o popular, como no quadro “Festa caipira”, de 1946, ora o religioso, como em “A última ceia”, de 1950, o artista passeava entre o sagrado e o profano. Ao longo de toda a sua carreira, que foi do naturalismo italiano dos anos 1910 até o retorno à ordem (um movimento do período entreguerras que desvalorizava os experimentos da vanguarda), percorreu várias fases. “As duas vertentes sempre existiram em paralelo”, explica Valério. “Ele tinha uma espiritualidade. Conforme o dia e essa espiritualidade, ele pintava uma imagem sacra ou uma cena campestre”. No Brasil, Pennacchi passou a reviver as fases artísticas por que passara na Itália. “Ele foi se transformando pela própria convivência no Brasil. Aqui o céu é azul, tem sol, aqui tem verde. Eu diria que mais ou menos em 1946, 48, ele já era um pintor brasileiro porque, sendo pintor e sendo sensível, ele via as cores que estavam ali em volta. Mas não deixou de ser sacro por causa disso”, esclarece Valério. “Minha esposa disse uma vez que o Pennacchi, que era muito religioso, na verdade não amava só o Deus da Igreja, mas o que o ser humano tinha de divino. E é por isso que ele podia entender uma festa junina: entendia a alegria de

Procura-se

Entre os anos de 1939 e 1940, Pennacchi executou vários murais e afrescos, entre os quais "A última ceia" e "A visita", na casa de um engenheiro. As duas obras foram destruídas, e não são as únicas.

Segundo estimativas da família, a produção de Pennacchi chega a 8 mil obras. O tempo, o desconhecimento e o descuido, porém, permitiram que apenas cerca de 2.500

delas fossem identificadas e catalogadas. Por isso, Giovanna está tentando reunir tudo o que é de autoria de seu pai num catálogo, recuperando obras que tenham sido prejudicadas ou que estejam esquecidas em algum velho casarão a ser demolido.

"Outro dia, o neto da dona da pensão onde o Pennacchi viveu na década de 1930 ligou dizendo que tinha uma obra dele em casa. Um

Jesus enorme, de mais de 2 metros de altura, que tinha desaparecido", conta Valerio. "Provavelmente, Pennacchi ficou sem dinheiro para pagar o aluguel e ofereceu o quadro à mulher". Com a pesquisa da família, trabalhos do artista estão sendo encontrados ou até descobertos. Eles pedem quem tiver um Pennacchi em casa entrar em contato por e-mail.

-> escritoriopennacchi@uol.com.br
-> valeriopennacchi@terra.com.br

Da esquerda para a direita, afresco pintado em uma das salas da casa, imagens inspiradas em anônimos que o artista encontrava na rua e pinturas nos azulejos da cozinha.



quem estava na festa", diz Valerio, referindo-se a uma escultura de Fulvio, justamente chamada "Festa junina".

Para ver todas as cores do país no qual viveu a maior parte de sua vida, era preciso sair de casa. "Ele não era um pintor que ficava trancado. Levava as crianças na praia, falava com pescadores", conta Valério. "A Filomena e ele saíam de carro, paravam no meio das ruas com casas em construção e recolhiam argila no chão para queimar e ver de que cor ficava". Os testes com a cerâmica fizeram de Pennacchi um autodidata na técnica.

A relação entre Fulvio e Valerio era próxima, quase como a de pai e filho. Valerio se lembra de acompanhar o trabalho do artista, desde a infância, e essa proximidade foi fundamental para que ele compreendesse muito de sua obra.

Ele recorda que Pennacchi, muitas vezes, começava a pintar um quadro antes de terminar o anterior. "Ele não pintava em série, mas começava a pintar um quadro e se cansava do assunto. Passava pra outro". Era imprevisível, até para o próprio artista, o que cada uma das obras teria. "Ele preparava o fundo e falava: 'Ah, não sei por que pus esse azul', e encostava na parede por até um ano. Depois ele retomava", conta. "Ou me mostrava um quadro, perguntava o que eu achava, eu dizia que poria mais árvores, ele queria saber por quê...". Hoje, na mesma casa em que Valerio acompanhava o trabalho de Fulvio e aprendia com ele, Filomena mora sozinha. E o ateliê onde o artista trabalhava é usado pelo único filho, Lucas Pennacchi, que resolveu seguir os passos do pai na arte. 🎨